

Raça, racismo e antirracismo no *Pequeno Manual de Djamila Ribeiro*

RESENHA

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019, 135 p.

ANDRÉ ALMEIDA SANTOS*

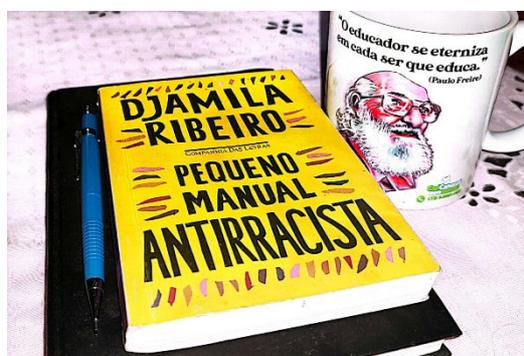
Djamila Ribeiro possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, sendo também mestre pela mesma universidade. Vem atuando nos campos da Filosofia Política, com destaque para a teoria feminista. Tendo interesse nas seguintes temáticas: relações étnico-raciais, gênero e feminismo negro. É autora, entre outras obras, de *O que é lugar de fala?* (2017), *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018).

O livro *Pequeno Manual Antirracista* apresenta um diálogo imprescindível para compreender o racismo estrutural na sociedade brasileira no campo das relações étnico-raciais.

A autora apresenta o racismo como uma maneira de manutenção da condição de subalternidade de determinadas raças e etnias dentro da formação da sociedade

contemporânea. Assim, ao longo da história brasileira, a elite branca “criou mecanismos” para beneficiar determinados grupos brancos e marginalizar, estigmatizar e até mesmo excluir de espaços indivíduos e grupos indesejados, entre eles destaca-se a população negra.

A obra é organizada em onze capítulos, além da introdução e um anexo com sugestões de leitura de autores negros. No que compete a divisão do manuscrito, temos: 1) Informe-se sobre o racismo; 2) Enxergue a negritude; 3) Reconheça os privilégios da branquitude; 4) Perceba o racismo internalizado em você; 5) Apoie políticas educacionais afirmativas; 6) Transforme seu ambiente de trabalho; 7) Leia autores negros; 8) Questiona a cultura que você consome; 9) Conheça seus desejos e afetos; 10) Combata a



* ANDRÉ ALMEIDA SANTOS é mestrando em Relações Étnico-Raciais (UFSB) e vice-coordenador da APLB-Sindicato - Delegacia do Extremo Sul/Teixeira de Freitas (BA), coordenador pedagógico da rede Estadual e professor de História da rede Municipal.

violência racial; 11) Sejamos todos antirracistas.

Na *introdução*, a autora questiona a historiografia que lhe foi ensinada no ambiente escolar. Essa apenas coloca a população negra como escrava e ponto final. Nela, negros (as) são tratados como “submissos e passivos que foram libertados pela princesa Isabel”. De acordo com Ribeiro (2019), essa história foi narrada pelo viés dos vencedores, sendo necessário escrever uma historiografia pela voz dos que foram silenciados e invisibilizados. Fatos como a resistência do Quilombo dos Palmares, a Revolta da Chibata, a Revolta dos Malês, corroboram para ressignificar “que a população negra havia sido escravizada, e não era escrava” (RIBEIRO, 2019, p. 08). Esse apagamento da história e memória dos africanos e afro-brasileiros se deve ao racismo estrutural. Como exemplo, ela resgata que na Constituição do Império em 1824, a educação era direito de todo cidadão, mas negros (as) estavam proibidos (as) de frequentar as escolas. Junta-se a esse fato a Lei de Terras (1850), que impossibilitou a aquisição de terras que não fossem pela compra – o que foi uma forma de barrar a obtenção dos que se encontravam na condição de cativos. Tentou-se ainda convencer que a escravidão no Brasil “foi mais branda do que em outros lugares” (RIBEIRO, 2019, p. 11).

No primeiro capítulo, *Informe-se sobre o racismo*, Ribeiro dialoga com autores que pensaram as relações étnico-raciais no Brasil, corroborando com alguns e opondo-se a outros. Entre eles destacam-se Munanga, Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, Roger Bastide, Florestan Fernandes. Para a autora, é preciso diferenciar o racismo no Brasil de outros que ocorreram em diferentes tempos e espaços. Dentre eles, o nazismo, o

apartheid sul-africano e o “separatismo” dos Estados Unidos. Neles temos leis que oficializaram práticas de separação. Com isso, o racismo à brasileira não seria melhor nem pior, porém teria em si a construção do “mito” que beneficia a manutenção do *status quo*.

No segundo capítulo, *Enxergue a negritude*, a obra mostra que durante a infância, de forma geral, e na escola, de forma específica, ser negro (a) passa a ser um problema, sendo esse ambiente um dos locais em que a criança, além de sofrer o racismo, tende a formar a sua consciência racial. Essa perspectiva, além de dominante, foi amplamente normatizada. A autora apresenta a resistência da população negra nos Estados Unidos e destaca os Panteras Negras, Angela Davis, Kathleen Cleaver. No Brasil, ocorreu, entre outros, através do Teatro Experimental do Negro (TEN) e seu maior ícone, Abdias do Nascimento. Além dele, a autora destaca Ruth de Souza, Conceição Evaristo, a fotógrafa Marcela Bonfim e a série *Cadernos Negros*.

No capítulo terceiro, *Reconheça os privilégios da branquitude*, a autora retoma sua obra *O que é lugar de fala?*, destacando que brancos podem e devem participar da luta antirracista, mas precisam compreender que “todo mundo tem um lugar de fala, pois todos falamos a partir de um lugar social” (RIBEIRO, 2019, p. 31). Assim, não existe por parte da população negra um monopólio da temática racial, porém brancos e negros encontram-se em locais de fala diferenciados na construção da narrativa antirracista. Ambos devem pensar nas motivações da ausência da população negra nos espaços de poder e formas para mudar tal realidade.

No capítulo quarto, cujo título é *Perceba o racismo internalizado em você*, a autora reitera que “é impossível não ser

racista tendo sido criado em uma sociedade racista” (RIBEIRO, 2019, 38). Para a autora, existe uma diferença entre pessoas e grupos que são abertamente racistas para outros que tendem a lutar contra o racismo. Mas, mesmo nesses últimos, ele está presente, e uma das formas de combatê-lo é reconhecendo o racismo que existe em nós.

A seguir, Ribeiro no capítulo cinco enfatiza que se *Apoie políticas educacionais afirmativas*, tendo em vista que existe um racismo estrutural que excluiu, marginaliza e estigmatiza a população negra. Nessa conjuntura, as políticas afirmativas são basilares para mudar a condição de negros (as) dentro da sociedade vigente.

Já em *Transforme seu local de trabalho*, o Manual descreve que a “branquitude” criou mecanismos para continuar se mantendo no poder. Um dos citados é a narrativa do “negro único”, colocando que não é apenas uma questão de representatividade, contudo de proporcionalidade. Ribeiro escreve que o racismo tende a se metamorfosear, sendo necessário que negros (as) estejam proporcionalmente nos espaços para combatê-lo.

No capítulo seis é descrita a necessidade de que se *Transforme seu ambiente de trabalho*, questionando a ausência dos negros nos espaços de poder e tentando ajudar a criar um ambiente mais plural. Como avanço, a autora cita a política de cotas e a postura de algumas empresas em contratar trabalhadores (as) negros (as) para diversos setores.

Assim, a valorização da população negra deve passar também por questões vinculadas ao seu conhecimento, pois somos orientados no capítulo sete: *Leia autores negros*. Se quisermos mudar o epistemicídio e o genocídio que ocorre em nosso país, precisamos urgentemente

valorizar outros saberes que não apenas os oriundos do continente europeu. Para que esses e outros pontos citados aqui avancem, Ribeiro em *Questione a cultura que você consome!*, capítulo oito, é enfática quando fomenta um consumo diversificado e consciente.

Ademais, para Ribeiro as mulheres negras não podem mais ser estereotipadas como lascivas e os homens negros como bandidos. É preciso que se *conheça seus desejos e afetos*, conforme consta no capítulo nove. Em suma, o jargão descrito em casa Grande e Senzala, e que tornou-se tema da tese de doutorado de Claudia Lemos Pacheco, “*Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar*” deve ser combatido veementemente. Entre os trabalhos relevantes para compreender a solidão da mulher negra temos *Virou Negra?*, de Claudete Alves.

No capítulo dez, o Manual descreve como necessário que se *Combata a violência racial*, tendo em vista que os negros “representam 55,8% da população brasileira e são 71,5% das pessoas assassinadas”. Como se não bastasse, “a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil” (RIBEIRO, 2019, p. 94).

Djamila Ribeiro conclui seu *Pequeno Manual* convocando: “*sejamos todos antirracistas!*”

A autora tem como paradigma a colonialidade e define como perspectiva que negros e negras devem ter o seu lugar de fala na luta contra o racismo. Assim, autores como Fanon e Mbembe ajudam a pensar a realidade da população negra e o que vem a ser o tornar-se negro. Além desses referenciais, Djamila Ribeiro faz uso de autores latino-americanos como Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Edgardo Lander, Enrique Dussel, Maria Logones,

Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel, Walter Mignolo, entre outros. Nota-se que esses autores latinos mesmo não sendo negros, comprometeram-se com a luta antirracista.

O *Pequeno Manual Antirracista* tem como finalidade realizar uma sinopse do histórico das relações étnico-raciais no Brasil. Nesse sentido, ele cumpre seu papel sendo um resumo que vale a pena ser lido como introdução aos estudos do campo da raça, racismo e do antirracismo.

A concisão é a proposta do Manual, seja no nome ou na sugestão de escrita da autora. Mesmo sem detalhar algumas categorias, as concepções são elucidadas de forma resumida, objetiva e com muita coerência e coesão ao longo da produção textual.

A presente obra analisada pode ser indicada a todos os estudantes de graduação e pós-graduação como prelúdio aos estudos vinculados as relações étnico-raciais.

Recebido em 2020-12-06
Publicado em 2022-09-15